



**SUPERINTENDÊNCIA
DA ZONA FRANCA DE MANAUS**

www.suframa.gov.br

Clipping Local e Nacional On-line

Nesta edição **14 matérias**

Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM

Manaus, sexta-feira, 8 de abril de 2011

O ESTADO DE SÃO PAULO BRASIL VIRA O 20º MAIOR IMPORTADOR VEICULAÇÃO NACIONAL	1
O ESTADO DE SÃO PAULO COMÉRCIO GLOBAL VAI RECUAR ESTE ANO, DIZ OMC..... VEICULAÇÃO NACIONAL	2
CAMEX DO BRASIL Embaixador italiano se reúne com superintendente da Suframa para tratar de investimentos na ZFM VEICULAÇÃO NACIONAL	3
JORNAL DO BRASIL Anna Ramalho VEICULAÇÃO NACIONAL	4
VALOR ECONÔMICO BANCOS PROJETAM DÉFICIT NA BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA EM 2012 VEICULAÇÃO NACIONAL	5
VALOR ECONÔMICO GUIDO GANHA O STATUS DE MINISTRO MAIS PODEROSO VEICULAÇÃO NACIONAL	7
VALOR ECONÔMICO O PAPEL DE MANTEGA NOS CEM DIAS VEICULAÇÃO NACIONAL	9
ASSESSORIA MDIC MDIC passa a divulgar balanço comercial das cooperativas VEICULAÇÃO NACIONAL	10
BRASIL ECONÔMICO-SP BRASIL E CHINA NEGOCIAM ACORDOS PARA AMPLIAR COMÉRCIO BILATERAL VEICULAÇÃO NACIONAL	12
AMAZONAS NOTÍCIAS Superintendente da SUFRAMA participa de reunião com embaixador da Itália VEICULAÇÃO NACIONAL	13
MONITOR MERCANTIL Brasil tem a maior alta das importações..... VEICULAÇÃO NACIONAL	15
O GLOBO-RJ CRESCIMENTO DO PIB É A MAIS NOVA PREOCUPAÇÃO DA EQUIPE ECONÔMICA VEICULAÇÃO NACIONAL	16
O GLOBO-RJ GOVERNO QUER INCENTIVAR MOTOR FLEX MAIS EFICIENTE VEICULAÇÃO NACIONAL	18
MANAUS ON LINE Superintendente da SUFRAMA participa de reunião com embaixador da Itália Por Superintendência da Zona Franca de Manaus VEICULAÇÃO NACIONAL	19

	VEÍCULO O ESTADO DE SÃO PAULO	EDITORIA	
	TÍTULO BRASIL VIRA O 20º MAIOR <u>IMPORTADOR</u>		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Em ranking da OMC, economia do País mais que dobrou o volume de compras desde 2005; China, EUA e Alemanha lideram o levantamento

Jamil Chade - O Estado de S.Paulo

O Brasil registrou a maior expansão de importações do mundo entre as principais economias nos últimos cinco anos. Diante de um real valorizado e, principalmente, a expansão do consumo doméstico, o Brasil se transformou pela primeira vez no 20.º maior importador do mundo.

Dados da Organização Mundial do Comércio (OMC) apontam que a economia nacional mais que dobrou o volume de importações desde 2005.

A expansão superou até mesmo as importações na China e, no que se refere à importação de serviços, o Brasil apresentou o maior crescimento mundial em 2010. Segundo a OMC, com o real valorizado, os gastos de brasileiros com viagens ao exterior aumentaram em 51%.

A expansão nas importações fez o Brasil voltar ao cenário do início dos anos 70, quando o País ainda dependia das importações de petróleo. Naquela época, as compras brasileiras representam 1,2% da importação internacional. O percentual caiu de forma importante e, em 2003, era de apenas 0,7%.

Hoje, a taxa só é inferior ao cenário do Brasil pós-Segunda Guerra Mundial quando, ainda sem uma indústria consolidada, a economia era obrigada a importar praticamente tudo.

Em apenas um ano, entre 2009 e 2010, a participação do Brasil na importação mundial passou de 1,1% para 1,3%. Em termos gerais, o aumento de 43% nas importações de produtos do País no ano passado foi o terceiro mais elevado entre as maiores economias e teve uma expansão duas vezes superior à média

mundial em 2010 em valores. A invasão de produtos estrangeiros no Brasil teve uma alta superior ao que foi registrado nos demais países do Bric (além do Brasil, China, Índia e Rússia).

Razões. A OMC destaca dois aspectos que explicariam o boom nas importações. De um lado, o real sofreu uma valorização de 15% no ano, tornando produtos importados mais competitivos. Outro fator, é a expansão da economia brasileira, do crescimento do consumo privado e dos investimentos de empresas que acaba implicando na necessidade de importar máquinas e equipamentos.

Nos últimos cinco anos, o aumento médio de importações no Brasil foi de 20% por ano. Na Rússia, a expansão de importação foi de 15%, contra 16% na China e 18% na Índia. Nos Estados Unidos, a média de aumento de importação foi de meros 3%, contra 5% na Europa.

Só a entrada de produtos chineses no Brasil aumentou em 60% em 2010. Os países ricos também registraram avanços acima de 30% no mercado brasileiro.

A explosão de importação no Brasil reverteu a balança comercial de toda a América do Sul. Depois de anos de superávit, a região registrou em 2010 um déficit de US\$ 1 bilhão.

Não por acaso, multinacionais e governos colocam o Brasil como prioridade em suas ofensivas de vendas e destino de verdadeiras campanhas para abrir o mercado nacional.

	VEÍCULO O ESTADO DE SÃO PAULO	EDITORIA	
	TÍTULO COMÉRCIO GLOBAL VAI RECUAR ESTE ANO, DIZ OMC		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Jamil Chade - O Estado de S.Paulo

Depois de uma expansão recorde de 14,5% em 2010, o **comércio** global será afetado por forte desaceleração neste ano. A previsão da Organização Mundial do **Comércio** (OMC) é de que o aumento nos fluxos de **comércio** seja de 6,5%. Incertezas com a situação no Japão, as revoltas no mundo árabe e o desemprego nos países ricos podem afetar o cenário em 2011.

Em 2009, a crise fez com que o **comércio** mundial tivesse a pior queda em 70 anos. A quebra de bancos paralisou os créditos para **exportação**. Como resultado, as **exportações** caíram 12%.

Agora, a OMC admite que "o forte aumento do volume de negócios ano passado permitiu ao **comércio** mundial recuperar o nível de antes da crise". Para o diretor da entidade, Pascal Lamy, "o **comércio** teve seu papel reafirmado na recuperação da economia mundial, apesar da pressão protecionista".

"As economias permaneceram abertas e o protecionismo foi a único catástrofe que conseguimos evitar", disse o diretor da OMC, indicando a expansão de 17% no **comércio** dos emergentes e 13% nos desenvolvidos.

Parte da recuperação de 2010, porém, ocorreu graças aos emergentes, que atingiram participação recorde.

No ano passado foram pela primeira vez responsáveis por 45% de todas as **exportações** do planeta. Nunca os países ricos tiveram margem tão pequena no **comércio** como hoje.

O ano terminou com a China liderando o ranking de países **exportadores**, com alta de 28% e vendas totais de US\$ 1,5 trilhão. Isso significa 10% de tudo o que o mundo vende. Com 8,4% do **comércio** mundial, os EUA vêm na segunda posição e superaram a Alemanha. O **Brasil** é o 22.º.

	VEÍCULO CAMEX DO BRASIL	EDITORIA	
	TÍTULO Embaixador italiano se reúne com <u>Superintendente da Suframa</u> para tratar de investimentos na <u>ZFM</u>		
ORIGEM PRESS-RELEASE DA ASSESSORIA DE IMPRENSA	ENFOQUE POSITIVO	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Manaus – Empresas italianas de diversos segmentos estão interessadas em ampliar seus investimentos nas áreas incentivadas pelo modelo Zona Franca de Manaus e no Polo Industrial de Manaus. Foi o que assegurou o embaixador da Itália, Gerard La Francesca, ao receber em Brasília a Superintendente da Zona Franca de Manaus, Flávia Grosso, no último dia 5, na embaixada italiana.

No momento, estão em andamento os entendimentos para a instalação de uma fábrica da Ducati, que produz algumas das motocicletas mais cobiçadas do mundo.

Além disso, foi examinada a possibilidade de ser assinado um acordo no setor náutico para a produção de embarcações de turismo e comerciais. Também participou do encontro o Ministro-Conselheiro da Embaixada, Antonio D'Alessandro. O interesse italiano também se estende às pesquisas desenvolvidas pelo Centro de Biotecnologia da Amazônia (CBA).

Na ocasião, Flávia Grosso convidou o embaixador Gerard La Francesca para participar da próxima Feira Internacional da Amazônia – VI FIAM, que será realizada no período de 26 a 29 de outubro, em Manaus e terá como uma das novidades, o pavilhão em homenagem à Itália.

Fonte: Assessoria de Comunicação da Suframa

	VEÍCULO JORNAL DO BRASIL	EDITORIA	
	TÍTULO Anna Ramalho		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

A **Suframa**, em parceria com o **Ministério** das Relações Exteriores, participa da Feira Industrial de Hannover, na Alemanha. O evento é mundialmente

conhecido como a plataforma mais **importante** para inovações industriais e lançamento de novas tecnologias.

	VEÍCULO VALOR ECONÔMICO	EDITORIA	
	TÍTULO BANCOS PROJETAM DÉFICIT NA BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA EM 2012		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Assis Moreira | De Genebra

Projeções de bancos apontam para uma forte redução no superávit da balança comercial do Brasil este ano e possível déficit já no ano que vem. A tendência de diminuição maior do saldo é reforçada por estatísticas da Organização Mundial do Comércio (OMC), mostrando o país como um dos campeões de importações em 2010, em meio ao real valorizado.

No ano passado, a alta de preços das commodities elevou as receitas do Brasil e contribuiu para a explosão das importações, diz a OMC. As compras de produtos estrangeiros aumentaram 38% em volume, ou seja, em termos reais (excluindo variação de preço e câmbio), comparado a 39% da China. Em valor, a alta das importações brasileiras foi de 43%, o dobro da média mundial de 21%. Os preços dos produtos importados pelo Brasil foram 3% mais elevados que no ano anterior.

Nas exportações, o país foi também um dos campeões mundiais em valor, com alta de 32% em 2010. Já em termos reais (volume), a expansão das vendas brasileiras de 10,9% foi inferior à alta média das exportações mundiais de 14,5%. Os preços dos exportados brasileiros subiram 19%.

A alta das importações deve continuar este ano em ritmo maior que a das exportações. A entidade que representa os maiores bancos do mundo, o Instituto Internacional de Finanças (IIF), apresenta a projeção mais pessimista. Acha que o saldo comercial do Brasil cairá pela metade este ano e se tornará negativo em 2012.

Ou seja, depois de ter registrado saldo de US\$ 46,4 bilhões em 2006, declinando gradualmente para US\$ 20,2 bilhões no ano passado, a projeção é de o montante cair para US\$ 11,6 bilhões este ano. E ano que vem viraria para o negativo em US\$ 4,5 bilhões,

quando as importações superariam as exportações pela primeira vez em muito tempo. O IIF projeta crescimento econômico de 4% este ano e de 4,7% ano que vem, e taxa média de câmbio de R\$ 1,69 este ano e R\$ 1,79 em 2012.

Já o Deutsche Bank é menos pessimista. Projeta saldo de US\$ 17 bilhões este ano (0,7% do PIB) e uma queda forte para US\$ 8 bilhões em 2012 (0,3% do PIB). Nesse cenário, as importações aumentariam 20% no que vem.

Pascal Lamy, diretor-geral da OMC, minimizou a possibilidade de o Brasil entrar num período de déficit da balança comercial. Estimou que o país precisa importar muitos equipamentos, tem uma demanda de consumo forte e considera que "mais importante que déficit ou superavit é a capacidade de agregar valor às exportações e de criar empregos e nisso acho que o país não está mal".

Dados da OMC mostram que os emergentes aumentam sua fatia nas exportações, mas seu saldo comercial vem declinando, enquanto a situação é inversa para nações desenvolvidas. Ou seja, na prática, está ocorrendo um reequilíbrio global.

O déficit comercial dos Estados Unidos foi de US\$ 690 bilhões em 2010, inferior em 22% aos US\$ 882 bilhões de 2008, no começo da crise global. Por sua vez, a União Europeia registrou déficit com o resto do mundo no valor de US\$ 190 bilhões, ou 49% a menos do que em 2008. Já a China viu seu saldo comercial ficar em US\$ 183 bilhões, ou 39% a menos do que em 2008 quando foi de US\$ 300 bilhões.

A OMC constata que "a forte apreciação nominal do real (12%) e do won coreano (10%) em relação ao dólar foi acompanhada de uma forte valorização efetiva real (15% e 9% respectivamente), encarecendo os produtos desses países em relação aos produtos

exportados por outros países", e de outro lado facilitando as importações.

Lamy admite que o Brasil tem um problema com a valorização excessiva do real no curto prazo, mas considera ser normal que no médio e longo prazos os emergentes tenham moeda forte diante da evolução de suas economias.

"No médio e longo prazos, os economistas dizem que essas variações (do câmbio) sobre médio e longo termo não têm impacto notável sobre o fluxo de comércio", disse Lamy, dando ênfase a aspectos macroeconômicos

Ele ressaltou, porém: "No curto prazo, é verdade que pode haver movimento de moedas que alguns dizem que é demais e não estou longe de pensar que se o sistema monetário internacional fosse mais estável e disciplinado, isso contribuiria para a estabilidade do sistema comercial internacional." Ele observou que o real é valorizado porque o país "cresce rápido e fortemente, a taxa de juros é elevada e tem efeito de atrair capital em busca de rendimento interessante e pode acentuar a taxa de câmbio".

	VEÍCULO VALOR ECONÔMICO	EDITORIA
	TÍTULO GUIDO GANHA O STATUS DE MINISTRO MAIS PODEROSO	
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Raymundo Costa | De Brasília

Na atual geografia do poder, fica fora do Palácio do Planalto o gabinete do ministro mais influente dos primeiros cem dias do governo Dilma. Para ser mais preciso, no quinto andar do quinto prédio contado a partir do Palácio, onde despacha o ministro da Fazenda, Guido Mantega. Poucos são os que sabem distinguir onde termina o que Dilma pensa e começa o que acha e quer Guido Mantega. São coisas que se confundem e ajudam a explicar a fonte de seu poder. Mantega é o sujeito oculto e a face visível de alguns dos principais atos da administração federal, quando ela comemora o centésimo dia da nova governança.

Em seu nome foram abertos os créditos do governo; a fatura também será enviada para seu endereço.

Mantega é um dos raros ministros a serem recebidos sozinhos no gabinete da presidente Dilma Rousseff, sem o onipresente e zeloso Antonio Palocci (Casa Civil) - os outros dois são o próprio Palocci e o ministro do **Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior**, Fernando **PIM**entel. O chanceler Antonio Patriota também já despachou a sós com Dilma, mas o ministro das Relações Exteriores integra um núcleo à parte do centro das disputas de poder palacianas, ainda em processo de configuração. **PIM**entel é amigo de juventude da presidente; Palocci aproximou-se na campanha; e Dilma tem afeto por Mantega, embora por vezes ache que ele é um tanto quanto atrapalhado (ela considerou um desastre sua entrevista sobre os cortes no Orçamento).

Com discrição, Palocci tomou conta da coordenação política do governo, que no papel é da responsabilidade do ministro Luiz Sérgio (Relações Institucionais). Mas quando se tratou das mudanças na

Caixa e no Banco do **Brasil** (BB), Guido Mantega passou o rolo compressor sobre posições, inclusive, consideradas intocáveis pelo PT. O ex-presidente do partido, Ricardo Berzoini (SP), é um poço de mágoas com o ministro. Bancário, viu escorrer por entre os dedos a influência que mantinha nos bancos oficiais.

Mantega só não emplacou o nome do novo presidente da Caixa porque Dilma, diante da opção apresentada pelo ministro da Fazenda, disse preferir o nome de Jorge Hereda, responsável, na Caixa, pela execução do programa Minha Casa, Minha Vida.

Decidida a sucessão na Caixa, Dilma pediu para Mantega resolver o restante da diretoria com Hereda e também atender as demandas políticas compromissadas, assunto encaminhado com habilidade por Palocci com o PMDB. Foi assim que o ex-deputado Geddel Vieira Lima (PMDB) e o ex-senador Osmar Dias (PDT) acabaram sendo nomeados para vice-presidências da Caixa e do Banco do Brasil. Palocci deve resolver ainda duas outras pendências da chamada "lista vip" do PMDB: os ex-governadores Orlando Pessuti (PR) e José Maranhão (PB). Segundo um dirigente petista com acesso aos gabinetes palacianos, Palocci "está mandando muito, mas não tanto quanto gostaria" - refere-se, provavelmente, à economia, área sobre a qual Palocci pode palpitar, mas não tem influência.

Segundo apurou o Valor, a presidente Dilma Rousseff também ouviu Palocci sobre assuntos referentes à economia, embora o ministro e seus assessores neguem enfaticamente a informação. Anormal seria que não falassem: Palocci está em praticamente todas as audiências de Dilma, conversa frequentemente com a presidente, seus gabinetes são próximos. Não **importa** que Palocci não reze a mesma cartilha da presidente.

Guido Mantega, sem dúvida, é o interlocutor mais assíduo da presidente em assuntos econômicos, seu

principal operador nessa área, ao lado do presidente do Banco Central, Alexandre Tombini.

Mantega é obrigado a discutir com Dilma todos os aspectos da política econômica, porque ela entende e se considera do ramo. Isso não significa dizer que a presidente não beba em outras fontes. Fala sempre com o presidente do **BNDES**, Luciano Coutinho. E quase todo dia, como se diz no PT com algum exagero, com o economista, ex-ministro, ex-deputado e guru de várias gerações de governantes Antonio Delfim Neto. Prova de que Dilma não tem preconceitos quando se informa sobre a economia é que além de Palocci ela também tem ouvido o ex-presidente do Banco Central Henrique Meirelles, outro que nega que venha palpitando sobre alguma coisa.

Na conta de Guido Mantega ficou pendurada também, nesses cem dias, a sucessão na Vale, talvez a mais bem sucedida empresa privada brasileira. Foi Mantega quem operou com os acionistas da companhia a substituição do executivo Roger Agnelli na presidência da Vale. Para o lugar foi indicado o executivo Murilo Ferreira. Uma surpresa nos **mercados** e na cúpula do PT, que esperava a indicação de Tito Martins, comandante da Vale no Canadá, e, segundo os petistas, o nome preferido de Palocci.

Guido também influenciou na escolha de Wagner Bittencourt para ministro da Secretaria Nacional da Aviação Civil, em associação com Luciano Coutinho. Ele também deve nomear o futuro presidente da Funcef, dentro do processo normal de sucessão no fundo de pensão dos funcionários da Caixa, segundo fontes do PT.

Apesar da ameaça inflacionária e da valorização do real frente ao **dólar**, Dilma atravessa um momento de tranquilidade em seu tradicionalmente inquieto partido, apesar de não serem poucas as queixas como as de Berzoini. Há apreensão também no movimento social, até agora absorvida pela convicção de que a presidente está no caminho certo quando procura combinar aumento de juros com as medidas macroprudenciais. Mas cem dias, como reza a tradição política, é o período de trégua tradicional dada a qualquer governo, inclusive pela oposição. O governo de Dilma está apenas começando e fez apostas altas: enquadrou o PMDB, mexeu no comando de uma das maiores empresas privadas do país, e tenta conter a inflação com outras medidas além do aumento da taxa de juros. O rosto desses cem dias é o de Guido. Se o governo perder a aposta, não será Dilma a pagar a conta.

	VEÍCULO VALOR ECONÔMICO	EDITORIA	
	TÍTULO O PAPEL DE MANTEGA NOS CEM DIAS		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Raymundo Costa, Raquel Ulhôa, Cristian Klein e Fernando Taquari | De Brasília e São Paulo Na atual geografia do poder, fica fora do Palácio do Planalto o gabinete do ministro mais influente dos primeiros cem dias do governo Dilma Rousseff: Guido Mantega. A fonte de seu poder reside na dificuldade de se distinguir onde termina o que Dilma pensa e onde começa o que quer o ministro. Em seu nome foram abertos os "créditos" ao governo - eventuais "faturas" também serão enviadas a seu endereço.

Mantega é um dos raros ministros a ser recebido sozinho no gabinete da presidente, sem o onipresente Antonio Palocci (Casa Civil) - os outros dois são o próprio

Palocci e o ministro do **Desenvolvimento**, Fernando Pimentel.

A maior base partidária desde a redemocratização deu segurança ao governo Dilma no Congresso, onde seus projetos mais **importantes** foram aprovados com mais de 90% de fidelidade entre os aliados.

Respaldada politicamente, a presidente decidiu avalizar uma política anti-inflacionária com foco nas medidas de contenção do crédito, enfrentando um **mercado** que pressiona por juros mais altos.

	VEÍCULO ASSESSORIA MDIC	EDITORIA	
	TÍTULO MDIC passa a divulgar balança comercial das cooperativas		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

No primeiro bimestre de 2011, setor foi responsável por superávit de US\$ 586,4 milhões

O **Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC)** divulga, nesta sexta-feira (8/4), os balanços das operações de **exportação** e **importação** das cooperativas brasileiras com a série histórica desde 2005 até o resultado do primeiro bimestre de 2011. Os resultados do mês de março de 2011, assim como as próximas balanças mensais, serão publicados no site do **MDIC**, no começo da segunda quinzena do mês, entre os dias 15 e 20.

Por meio da divulgação deste recorte estatístico da balança comercial brasileira, a Secretaria de **Comércio Exterior (Secex)** do **MDIC** atende a uma demanda do setor. “Com estes dados, as cooperativas brasileiras, que representam um dinâmico setor da nossa economia, poderão formular melhor as suas estratégias de inserção no **mercado** internacional”, destacou a secretária de **Comércio Exterior**, Tatiana Lacerda Prazeres.

Primeiro Bimestre

No primeiro bimestre de 2011 (janeiro-fevereiro), a balança comercial das cooperativas apresentou saldo positivo de US\$ 586,4 milhões, resultado recorde para o bimestre e com valor superior em 28,3% ao de 2010 (US\$ 457,3 milhões). A corrente de **comércio** (soma das **exportações** e **importações**) no período (US\$ 674,9 milhões) foi também o melhor resultado da série histórica desde 2005, com expansão de 27,3% em relação aos meses de janeiro e fevereiro de 2010.

Exportações Bimestrais

No bimestre, as **exportações** das cooperativas apresentaram crescimento de 27,7% sobre o mesmo período de 2010, para um total de US\$ 630,7 milhões. A participação destas vendas no total **exportado** pelo país no período (US\$ 31,9 bilhões) foi de 2%.

Considerando a série, apenas em 2009 (-25%) as **exportações** do setor não registraram expansão sobre o período anterior, fato que se explica pela crise financeira internacional, que resultou em retração no **comércio** mundial

Entre os principais produtos **exportados** pelas cooperativas, no primeiro bimestre de 2011, tiveram destaque: café em grão (US\$ 126,8 milhões, representando 20,1% do total **exportado** pelas cooperativas); açúcar (US\$ 114,4 milhões, 18,1%), trigo (US\$ 93,0 milhões, 14,8%); carne de frango congelada (US\$ 64,8 milhões, 10,3%); etanol (US\$ 62,8 milhões; 10,0%); farelo de soja (US\$ 47,4 milhões, 7,5%); carne suína congelada (US\$ 19,9 milhões, 3,2%); óleo de soja em bruto (US\$ 18,9 milhões, 3,0%); carnes de outros animais, salgadas ou secas (US\$ 16,0 milhões, 2,5%); preparações alimentícias de frango (US\$ 9,7 milhões, 1,5%); e milho em grão (US\$ 8,7 milhões, 1,4%).

Os países que mais compraram das cooperativas brasileiras foram: Estados Unidos (US\$ 94,3 milhões, representando 15,0% do total); Alemanha (US\$ 66,2 milhões, 10,5%); Emirados Árabes Unidos (US\$ 39,4 milhões, 6,3%), Japão (US\$ 33,1 milhões, 5,3%); Argélia (US\$ 27,8 milhões, 4,4%); Arábia Saudita (US\$ 25,4 milhões, 4,0%); Bangladesh (US\$ 23,8 milhões, 3,8%); Países Baixos (US\$ 22,4 milhões, 3,6%); Bélgica (US\$ 22,1 milhões, 3,5%); China (US\$ 19,5 milhões, 3,1%), França (US\$ 17,6 milhões, 2,8%); e Canadá (US\$ 14,5 milhões, 2,3%).

O Paraná foi o estado com maior valor de **exportações** de cooperativas, US\$ 199,4 milhões, representando 31,6% do total das **exportações** deste segmento. Em seguida aparecem: São Paulo (US\$ 179,8 milhões, 28,5%); Minas Gerais (US\$ 125,3 milhões, 19,9%); Rio Grande do Sul (US\$ 64,3 milhões, 10,2%); Santa Catarina (US\$ 36,8 milhões, 5,8%); Mato Grosso

(US\$ 9,4 milhões, 1,5%); Tocantins (US\$ 4,0 milhões, 0,63%); e Goiás (US\$ 3,3 milhões, 0,52%).

Importações Bimestrais

Nas **importações**, houve expansão de 21,4% nas compras externas efetuadas por cooperativas, que passaram de US\$ 36,4 milhões, em janeiro e fevereiro de 2010, para US\$ 44,2 milhões, em janeiro e fevereiro de 2011. As aquisições do setor representaram 0,1% do total **importado** pelo país no período (US\$ 30,3 bilhões).

Os principais produtos **importados** pelas cooperativas, no primeiro bimestre de 2011: cloretos de potássio (com compras de US\$ 7,2 milhões, representando 16,3% do total **importado** pelas cooperativas); ureia com teor de nitrogênio (US\$ 6,4 milhões, 14,6%); máquinas para fiação de matérias têxteis (US\$ 4,8 milhões, 10,9%); malte não torrado (US\$ 4,1 milhões, 9,2%); farinhas e “pellets” da extração do óleo de soja (US\$ 3,4 milhões; 7,6%); produtos semimanufaturados, de outras ligas de aços (US\$ 2,2 milhões, 4,9%); máquinas e aparelhos para preparação de carnes (US\$ 2 milhões, 4,4%); diidrogeno-ortofosfato de amônio (US\$ 1,7 milhão, 3,9%); batatas preparadas ou conservadas, congeladas

(US\$ 1,3 milhão, 3,1%); e arroz semibranqueado, não parboilizado, polido (US\$ 1 milhão, 2,3%).

A Alemanha foi o país que mais forneceu bens para as cooperativas brasileiras (compras de US\$ 8,8 milhões, representando 19,9% do total). Na sequência, estão: Argentina (US\$ 5,2 milhões, 11,8%); Paraguai (US\$ 4 milhões, 9,1%), Ucrânia (US\$ 3,99 milhões, 9%); Bélgica (US\$ 3,7 milhões, 8,4%); Canadá (US\$ 3,4 milhões, 7,7%); China (US\$ 2,9 milhões, 6,6%); Estados Unidos (US\$ 2,7 milhões, 6,1%); Israel (US\$ 1,9 milhão, 4,3%); Países Baixos (US\$ 1,6 milhão, 3,5%); Uruguai (US\$ 1,3 milhão, 2,9%); Rússia (US\$ 1,2 milhão, 2,8%); e Egito (US\$ 1,2 milhão, 2,8%).

O Paraná foi também o estado com maior volume de **importações** via cooperativas, com US\$ 20,1 milhões, representando 45,4% do total das compras deste segmento. Em seguida, aparecem: Santa Catarina (US\$ 7,3 milhões, 16,5%); São Paulo (US\$ 5,6 milhões, 12,8%); Goiás (US\$ 3,3 milhões, 7,6%); Mato Grosso (US\$ 3,1 milhões, 7%); Rio Grande do Sul (US\$ 2,6 milhões, 5,8%); Mato Grosso do Sul (US\$ 2,1 milhões, 4,7%); Espírito Santo (US\$ 53,3 mil, 0,12%); e, Minas Gerais (US\$ 28,2 mil, 0,06%).

	VEÍCULO BRASIL ECONÔMICO-SP	EDITORIA	
	TÍTULO BRASIL E CHINA NEGOCIAM ACORDOS PARA AMPLIAR <u>COMÉRCIO</u> BILATERAL		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Governo quer agregar valor nos produtos vendidos para os chineses, mas asiáticos têm interesse em básicos

Paulo Justus

pjustus@brasileconomico.com.br

A presidente Dilma Rousseff desembarca amanhã desta segunda- feira (11) na China, para tentar ampliar as exportações brasileiras para o país, além de tratar do aumento dos investimentos chineses no Brasil.

Acompanhada de uma comitiva de cerca de 250 empresários, a presidente pretende agregar mais valor às exportações, além de intensificar parcerias na área de inovação e ciência e tecnologia.

Apesar do apetite por melhorar a participação de produtos de maior valor agregado nas exportações brasileiras, os interesses chineses no Brasil estão justamente concentrados no fornecimento de matérias-primas. "A China vê com muito importante os investimentos na área de petróleo e também vê boas oportunidades na área agrícola", diz o cônsul econômico comercial da China em São Paulo, Li Haitong. Para a vice-presidente executiva da Câmara Brasil-China de

Desenvolvimento Econômico (CBCDE), Mônica Fang, a agenda comercial entre os dois países tem muito de complementar. "A China é uma grande indústria para o mundo, e o Brasil é um grande produtor de matérias-primas. Um país complementa o outro."

Agenda

No dia seguinte ao desembarque, a presidente participa de um seminário de tecnologia e inovação. Em seguida, estará em seminário empresarial e da recepção de boas vindas do governo chinês, seguida da reunião como presidente Hu Jintao, onde deve assinar acordos de cooperação tecnológica, de recursos hídricos e na área empresarial.

Na quarta-feira (13), Dilma encontra-se com o presidente da Assembleia Popular Chinesa, e como primeiro-ministro, Wen Jiabao. No dia seguinte, vai para reunião de cúpula dos BRICs. Na sexta-feira, dia 15, participa do Fórum Econômico Asiático e visita o centro de pesquisas e desenvolvimento de Xian. O retorno será entre domingo e segunda-feira (18).

	VEÍCULO AMAZONAS NOTÍCIAS	EDITORIA	
	TÍTULO Superintendente da SUFRAMA participa de reunião com embaixador da Itália		
ORIGEM PRESS-RELEASE DA ASSESSORIA DE IMPRENSA	ENFOQUE POSITIVO	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Em reunião com a **Superintendente** da **Zona Franca** de **Manaus**, **Flávia Grosso**, realizada em Brasília, no dia 5 de abril, o embaixador da Itália, Gerard La Francesca afirmou que empresas italianas têm demonstrado interesse em ampliar investimentos nas áreas incentivadas pelo modelo **ZFM** e no Polo Industrial de **Manaus**. No momento, estão em andamento os entendimentos para a instalação de uma fábrica da Ducati, que produz algumas das motocicletas mais cobiçadas do mundo. Além disso, foi examinada a possibilidade de ser assinado um acordo no setor náutico para a **produção** de embarcações de turismo e

comerciais. Também participou do encontro o Ministro-Conselheiro da Embaixada, Antonio D'Alessandro. O interesse italiano também se estende às pesquisas desenvolvidas pelo **Centro de Biotecnologia da Amazônia (CBA)**.

Na ocasião, **Flávia Grosso** convidou o embaixador Gerard La Francesca para participar da próxima Feira Internacional da **Amazônia** – VI FIAM, que será realizada no período de 26 a 29 de outubro, em **Manaus** e terá como uma das novidades, o pavilhão em homenagem à Itália.

	VEÍCULO MONITOR MERCANTIL	EDITORIA	
	TÍTULO Brasil tem a maior alta das importações		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Volume de importações do país dobrou de 2005 para cá

Compras externas voltam aos anos 70 e "financiam" recuperação de outros países

Para felicidade de países em crise e com desemprego elevado, o Brasil registra a maior expansão de importações do mundo entre as principais economias nos últimos cinco anos. Com o real valorizado e juros elevados que levam à desindustrialização do país, o Brasil se transformou, pela primeira vez, no 20º maior importador do mundo.

Dados da OMC apontam que a economia nacional mais que dobrou o volume de importações desde 2005. A expansão superou, inclusive, as importações na China. Na importação de serviços, o Brasil teve o maior crescimento mundial em 2010.

Segundo a OMC, com o real valorizado, os gastos de brasileiros com viagens ao exterior aumentaram em 51%. A expansão nas importações fez o Brasil voltar ao cenário do início dos anos 70, quando ainda dependia da importação de petróleo.

Na época, as compras brasileiras representavam 1,2% da importação internacional. O percentual caiu de forma importante e, em 2003, era de apenas 0,7%

Hoje, a taxa só é inferior ao cenário do Brasil pós-Segunda Guerra Mundial, quando o Governo Eurico Dutra torrou o saldo comercial do país importando até patins para pistas de gelo.

Em apenas um ano, entre 2009 e 2010, a fatia do Brasil na importação mundial passou de 1,1% para 1,3%. Em termos gerais, o aumento de 43% nas importações de produtos do país no ano passado foi o terceiro mais elevado entre as maiores economias e duas vezes superior à média mundial em 2010, em valores.

A invasão de produtos estrangeiros no Brasil teve alta superior a registrada nos demais países do Bric (China, Índia e Rússia e África do Sul).

A OMC aponta duas razões para esse boom das importações: a valorização do real de 15% no ano e a expansão da economia brasileira.

	VEÍCULO O GLOBO-RJ	EDITORIA	
	TÍTULO CRESCIMENTO DO PIB É A MAIS NOVA PREOCUPAÇÃO DA EQUIPE ECONÔMICA		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Já há quem aposte em expansão menor do que os 4% previstos para o ano

Martha Beck, Vivian Oswald e Leila Suwvan

BRASÍLIA e SÃO PAULO. Como se não bastassem a inflação e o câmbio, a equipe econômica tem agora uma nova preocupação: o crescimento do Produto Interno Bruto (**PIB**) em 2011. Apesar dos esforços para conter as altas de preços por meio da elevação dos juros e de ações macroprudenciais, os técnicos avaliam que a pressão inflacionária está resistindo mais do que o esperado.

Isso poderia desencadear uma nova onda de medidas restritivas que segurem ainda mais a atividade econômica no país. Por isso, já há no governo quem acredite que o **PIB** crescerá abaixo de 4% este ano - percentual inferior ao teto das novas projeções do Banco Central (BC).

A previsão para o crescimento da economia está fixada em 5% no relatório de receitas e despesas do Orçamento relativo ao primeiro bimestre. Ela, porém, deve ser revista para baixo nas próximas avaliações. A autoridade monetária já admite que não espera alta acima de 4%.

O BC ainda vê incertezas oriundas do cenário externo, em especial no que diz respeito à evolução dos preços das commodities. O preço do petróleo é um dos fatores de risco salientados pela autarquia e contribuiu para as incertezas que pairam sobre o cenário externo.

A avaliação dos técnicos é que a inflação vai ceder, mas num prazo mais longo. Já o crescimento do **PIB** - que hoje gira em torno de 4% - pode acabar sofrendo ainda mais com as medidas restritivas ao consumo.

Desde o início do governo, a equipe econômica já trabalhava com um crescimento menor do **PIB** para este

ano, mas não abaixo de 4%. A redução do ritmo da economia ajuda no controle da inflação - ao crescer menos, cai a demanda do **mercado** interno. E isso diminuiu o que o BC chama de "desequilíbrio entre a taxa de crescimento da demanda doméstica e a capacidade de expansão da oferta". O desafio é encontrar a sintonia que garanta uma taxa de crescimento que não pressione os preços.

Na área cambial, o que se está tentando fazer é, pelo menos, deixar o **dólar** próximo de R\$ 1,65. Essa taxa é vista por analistas como sendo neutra do ponto de vista inflacionário e não prejudicaria mais o setor produtivo. Por isso, o governo opta por medidas como elevar o Imposto sobre Operações Financeiras (IOF) para o ingresso de capital estrangeiro e limitar a posição cambial vendida dos bancos. Elevar os juros não teria mais efeito sobre a inflação e atrairia mais **dólares**.

- As medidas do governo têm o objetivo de sustentar uma taxa que não agregue inflação e não impacte tanto a competitividade das empresas - afirma o diretorexecutivo da NGO Corretora de Câmbio, Sidnei Nehme. Octavio de Barros e Delfim apostam em IPCA de 6% O anúncio do IPCA de 0,79% para março - elevando o acumulado dos últimos 12 meses a 6,3% - não surpreendeu os economistas Octavio de Barros (Bradesco) e Delfim Netto (ex-ministro da Fazenda), que elogiaram a atuação do BC na condução do regime de metas e avaliaram que a inflação de 2011 deve fechar em torno de 6%. Ambos também se mostraram otimistas para 2012, com a inflação voltando para o centro da meta em decorrência de medidas "macroprudenciais".

- (O IPCA de março) está dentro do que esperávamos. Para abril, nossa projeção está entre 0,55% e 0,60%, mais para 0,60%. As pressões estão mais claras no curto prazo. O etanol e o vestuário, principalmente, afetaram o índice do mês de março.

Estamos prevendo para o segundo semestre que a inflação média mensal já volte para o patamar de 0,33%, o que, anualizadamente, converge para a meta, em 2012 - disse Barros, economista-chefe do Bradesco.

Ele avalia que 2011 será um ano de um pouco mais de aperto monetário, mas de forte ajuste fiscal, o que deixará o controle inflacionário nos eixos para o próximo ano. Este ano, disse, há certo "consenso de **mercado**" de que a inflação ficará em torno dos 6%. E Delfim corroborou: - (A inflação medida) É muito menos pelo excesso da demanda global do que pelo desconforto com o desarranjo, principalmente no setor de serviços, entre a oferta e a procura. Acho injustiça dizer que o governo esqueceu a inflação. Algumas medidas que estão sendo criticadas, como o IOF, todo mundo

sabe que têm pouca importância. O governo as toma em legítima defesa, como todos os governos no mundo. Essa ideia de controlar tudo com juros é do passado. Acho que vai fechar dentro da meta, em 6%. Ano que vem, vai depender de corrigir algumas coisas.

- O Tombini está muito mais atento com o que está acontecendo no mundo do que os críticos por aí.

Acho que o BC está fazendo um estupendo trabalho. Esta gestão está muito determinada a atingir a meta em 2012. Certamente, aguardamos algum aperto adicional de juros e outras medidas macroprudenciais - completou Delfim.

	VEÍCULO O GLOBO-RJ	EDITORIA	
	TÍTULO GOVERNO QUER INCENTIVAR MOTOR FLEX MAIS EFICIENTE		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Carros com melhor desempenho para etanol poderão pagar menos imposto e ter crédito subsidiado

Vivian Oswald

. BRASÍLIA e RIO. O governo está estudando a redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) para os veículos flex com motores de melhor desempenho. A ideia é estimular a fabricação de veículos que rodem mais quilômetros com menos combustível, ampliando o **mercado** do etanol. A iniciativa teria sido levada ao **Ministério** do **Desenvolvimento, Indústria e Comércio** Exterior, que tem um grupo de estudo só ra tratar do setor automotivo, e já estaria sendo discutida com as montadoras.

Motores mais eficientes custam mais caro, daí a necessidade de se incentivar a **produção** via tributos ou financiamentos.

Na quarta-feira, o secretário-adjunto de Política Econômica do **Ministério** da Fazenda, Gilson Bittencourt, afirmou que o governo também está discutindo a criação de uma linha de financiamento com o objetivo de incentivar a **produção** e um plano justamente para aumentar a eficiência do combustível.

Com isso, os veículos que rodam com álcool podem ficar mais competitivos. Hoje, os motores à gasolina consomem menos combustível. Só quando o etanol custa menos que 70% do preço da gasolina compensa abastecer o carro com álcool.

O diretor-técnico da União da Indústria de Cana de Açúcar (Unica), Antonio de Pádua, se queixou da falta de previsibilidade do setor e atribuiu à alta de transparência da política de reajuste da gasolina parte dos problemas enfrentados pelos produtores, que precisam absorver custos e perdem a competição com a combustível tradicional.

- Se (a Petrobras) tomar uma decisão sobre os preços da gasolina já ajuda. Não há transparência. A indústria não tem como competir com a gasolina se a empresa fica segurando os preços - disse. Ele afirmou ainda que uma nova política de incentivo pelo IPI para os carros com melhor desempenho pode aumentar as condições de competição do álcool com a gasolina e estimular a **produção**. Pádua disse ainda que transferir o etanol para a Agência Nacional do Petróleo (ANP) e tratá-lo como combustível é outra forma de desenvolver o **mercado** e dar previsibilidade aos investimentos.

Ações da Cosan caem 5,23%, maior queda do Ibovespa Ontem, porém, as ações ordinárias (ON, com direito a voto) da Cosan, empresa de açúcar e álcool caíram 5,23%, para R\$ 24,45, na maior queda do Índice da Bolsa de Valores de São Paulo (Ibovespa), refletindo preocupação dos investidores com a possibilidade de a ANP passar a regular e fiscalizar toda a cadeia produtiva do etanol.

Bittencourt, do **Ministério** da Fazenda, também lembrou que está sendo analisado um acordo com os estados para que o **ICMS** seja reduzido. Ele explicou que a **produção** do etanol é mais forte hoje em São Paulo, por exemplo, porque o **ICMS** lá é de 12%, enquanto em outros lugares ele pode chegar a 25%. A proposta tem que ser levada ao Conselho de Política Fazendária (Confaz), o que ainda não aconteceu.

COLABOROU: Lucianne Carneiro

	VEÍCULO MANAUS ON LINE	EDITORIA	
	TÍTULO Superintendente da <u>SUFRAMA</u> participa de reunião com embaixador da Itália Por Superintendência da <u>Zona Franca de Manaus</u>		
	ORIGEM PRESS-RELEASE DA ASSESSORIA DE IMPRENSA	ENFOQUE POSITIVO	VEICULAÇÃO NACIONAL

Em reunião com a **Superintendente** da **Zona Franca** de **Manaus**, **Flávia Grosso**, realizada em Brasília, no dia 5 de abril, o embaixador da Itália, Gerard La Francesca afirmou que empresas italianas têm demonstrado interesse em ampliar investimentos nas áreas incentivadas pelo modelo **ZFM** e no Polo Industrial de **Manaus**. No momento, estão em andamento os entendimentos para a instalação de uma fábrica da Ducati, que produz algumas das motocicletas mais cobiçadas do mundo. Além disso, foi examinada a possibilidade de ser assinado um acordo no setor náutico para a **produção** de embarcações de turismo e

comerciais. Também participou do encontro o Ministro-Conselheiro da Embaixada, Antonio D'Alessandro. O interesse italiano também se estende às pesquisas desenvolvidas pelo **Centro de Biotecnologia da Amazônia (CBA)**.

Na ocasião, **Flávia Grosso** convidou o embaixador Gerard La Francesca para participar da próxima Feira Internacional da **Amazônia** – VI FIAM, que será realizada no período de 26 a 29 de outubro, em **Manaus** e terá como uma das novidades, o pavilhão em homenagem à Itália.